

A CAMINHO DA METROPOLIZAÇÃO? Transformações espaciais de Uberlândia (MG)

ON THE WAY TO METROPOLIZATION? Uberlândia's (MG) Spatial transformations

Lidiane Aparecida Alves
lidianeaa@yahoo.com.br
Mestre em Geografia

Michelly de Lourdes Lopes
michelly_geo@yahoo.com.br
Mestranda em Geografia – PPGeo/UFU

RESUMO

No último século, verifica-se maior complexidade na organização interna das cidades, assim como uma necessidade cada vez maior de interação entre os núcleos urbanos. O presente trabalho visa tecer reflexões sobre a cidade de Uberlândia-MG, sob a perspectiva de sua centralidade e da tendência de se conformar como futura metrópole. São feitas considerações sobre a organização interna dessa cidade, e seu papel na rede urbana da qual faz parte. Para alcançar os objetivos propostos pelo estudo, foi realizada uma breve discussão teórica, bem como caracterização do município de Uberlândia-MG, segundo sua importância regional, aliada à sua dinâmica intraurbana.

PALAVRAS CHAVE: Reestruturas espaciais, hierarquia urbana, Uberlândia-MG.

ABSTRACT

In the last century, there is more complexity in internal organization of cities and a need of interaction between the urban centers. This paper aims to make reflections about Uberlândia-MG, from the perspective of its centrality and the tendency to conform as a future metropolis. We discuss the internal organization of this city, and its role in the urban network to which it belongs. To reach the objectives proposed by the study was conducted a brief theoretical discussion, as well as characterization of Uberlândia-MG, according to their regional importance, coupled with its dynamic inner city.

KEYWORDS: Restructuring spatial, urban hierarchy, Uberlândia-MG.

INTRODUÇÃO

Assistimos, ao longo do século XX, um acelerado e complexo processo de urbanização, materializado em concentração urbana e difusão das cidades, cujo fenômeno talvez tenha sido o mais marcante deste século. Grosso modo, especialmente até a década de 1970, destaca-se a maior pujança do crescimento das grandes cidades em detrimento ao crescimento das cidades intermediárias e ao surgimento de novas cidades, este último mais representativo nos países em desenvolvimento. Todavia, após os anos de 1970, com a globalização e a difusão do meio técnico-científico-informacional¹, emerge a reestruturação espacial com novas tendências, o processo de desconcentração no topo da hierarquia, a criação de novas centralidades e de aglomerações urbanas², a partir de um expressivo grau de crescimento das cidades intermediárias, sobretudo, com a migração urbana-urbana.

As transformações econômicas e sociais em curso refletiram em mudanças no que podemos chamar de Divisão Interregional do Trabalho no Brasil, com destaque para o papel da desconcentração-concentrada das atividades agroindustriais, cujos efeitos espaciais foram notadamente mais significativos nas regiões que absorveram os investimentos e, por conseguinte, nas cidades aí inseridas. Afinal concorda-se com a perspectiva de Egler (2001, p. 26-27), segundo a qual as questões urbana e regional encontram-se articuladas por meio da lógica de (re)produção social, sendo a cidade simultaneamente parte integrante e formadora da região, e, portanto ambas - cidade e região - devem ser tratadas de forma conexa.

¹ Cf Santos (1993).

² Considera-se a perspectiva de aglomeração urbana adotada pelo IBGE que pondera a complementaridade entre as cidades, a congregação de várias cidades com relações de dominação ou inter-dependência em espaços cada vez mais contínuos territorial e espacialmente (FRANÇA E SOARES, 2009). Nas palavras das autoras “o tamanho populacional do aglomerado, os papéis desempenhados pelos centros urbanos, os fluxos migratórios, os setores produtivos, o alcance mínimo e máximo de polarização de cada cidade, a carência de emprego, os serviços de saúde e educação especializadas, a necessidade de melhora na qualidade de vida, a exacerbação do consumo, são elementos indispensáveis ao estudo dos aglomerados urbanos, uma vez que explicam a mobilidade e transitoriedade de atividades econômicas e população no espaço geográfico” (FRANÇA e SOARES, 2009).

Neste contexto, é consenso entre vários autores preocupados com a questão regional brasileira o destaque do desenvolvimento da porção centro-sul, onde está o alto grau de concentração da “rede de serviços e infra-estrutura física e social” (MARTINE & DINIZ, 1991) que permite a identificação de um polígono de desenvolvimento, “reconcentração poligonal entre Belo Horizonte / Uberlândia / Londrina / Porto Alegre / Florianópolis/ São José dos Campos / Belo Horizonte; além da própria RMSP” (DINIZ, 2002), que reflete em (re) configurações na rede urbana a partir de modificações no tamanho, na qualidade funcional e na extensão da zona de influência espacial dos centros urbanos, especialmente das cidades médias, que simultaneamente oferecem as economias de aglomeração, forças centrípetas que deixaram de existir nas grandes metrópoles e a ausência de várias deseconomias, forças centrifugas. Contudo, concordando com Azzoni (1986), Diniz (2002) frisa que as economias de aglomeração são regionais e não apenas urbanas. E é nesse sentido, que o presente trabalho visa tecer reflexões sobre a cidade de Uberlândia-MG, sob a perspectiva de sua centralidade e da tendência de se conformar como futura metrópole.

É consenso entre os estudiosos que apenas o critério demográfico é insuficiente para a classificação das cidades, pois cidades com contingente demográfico relativamente pequeno, em decorrência da presença de importantes equipamentos de gestão, poder econômico, institucional e/ou político, científico, cultural etc, podem apresentar um forte grau de centralidade, ao contrário de algumas cidades como Kinshasa e Brazzaville na República Democrática do Congo, ou Dacca em Bangladesh, que apesar do grande número de habitantes possuem pequena proporção das atividades industriais, terciárias e comerciais e, por conseguinte, uma área de influência restrita. Com efeito, concorda-se com Castells (1989) citado por Egler (2001, p. 13)

A área de influência da metrópole varia tradicionalmente em função da qualidade dos seus instrumentos de dominação políticos, econômicos, financeiros e culturais. Quanto mais eficientes forem estes, maior será a área de influência do centro urbano. Logicamente, há mais ou menos 20 anos, a inserção de uma cidade na rede mundial de telecomunicações, que possibilita a integração à rede de especulação monetária e financeira, característica do período atual, constitui um fator de qualificação central para essa aglomeração. É a partir desses critérios que devemos desenhar a atual hierarquia das cidades do planeta em metrópoles regionais, nacionais, internacionais e agora mundiais (EGLER, 2001, p. 13).

No âmbito da rede urbana, as cidades médias assumem papel de destaque na produção material e imaterial, e é significativa a quantidade de trabalho intelectual e da tercearização. Segundo Garcia e Nogueira (2008) essas cidades suprem a demanda por inovação tecnológica nas regiões onde estão inseridas, além de possuírem um setor financeiro para administrar os grandes fluxos de capital envolvidos nas novas atividades, bem como apresentarem bons indicadores da qualidade de vida. Na rede urbana são classificadas como pólos regionais, e segundo a complexidade funcional, nas palavras de Corrêa (1994), desempenham papel singular e/ou complementar a outros centros. Com consequência, dentre outros fatores, das diferentes perspectivas e ações dos atores sociais, as cidades médias assumem características e graus de transformações heterogêneos, os quais não devem ser negligenciados nos estudos urbanos. Afinal com a manutenção das taxas de crescimento, em um curto período de tempo essas cidades entram em transição e logo passam a desempenhar algumas funções típicas de cidades grandes, com a perda e ou substituição de algumas características inerentes as cidades médias em detrimento da incorporação de elementos dos grandes aglomerados urbanos.

Diante das considerações feitas e do contexto da cidade de Uberlândia, localizada no Triângulo Mineiro, sabe-se que a cidade apresenta uma centralidade muito forte, abrangendo as escalas inter e intra-regional. A região onde se insere é formada por uma rede urbana com alta densidade, que ocupa o lugar de segunda região mais importante do Estado, com vários pólos econômicos que estão sob o comando da referida cidade. Devido a essa conjuntura instalada, Uberlândia é classificada pelo IBGE como uma capital regional B, que em decorrência de características demográficas, socioeconômicas, técnicas, científicas etc, encontra-se no patamar de transição para uma grande cidade, o que implica no surgimento de várias inquietações inerentes à sua questão urbano-regional. Essas inquietações podem ser exemplificadas como: as consequências inter e intraurbanas da reestruturação espacial nesta cidade; as implicações da tendência de metropolização no espaço intraurbano e interurbano; os paradigmas a serem adotados para a mitigação dos efeitos negativos do crescimento urbano; etc, que sustentam a necessidade de discussões sobre a cidade de Uberlândia e região.

Neste sentido, este trabalho possui como objetivo geral tecer reflexões sobre a cidade de Uberlândia sob a perspectiva de sua centralidade e da tendência de conformação de uma futura metrópole face ao grau de desenvolvimento alçado por essa cidade. Na atualidade, Uberlândia é tida como uma cidade em transição de média para grande, na medida em que ainda são encontrados elementos típicos das cidades médias, como os bons indicadores sociais e expressiva quantidade de atividades de comércio e serviços. No entanto, observa-se também o surgimento de processos e fenômenos característicos das grandes cidades, a exemplo da intensificação da segregação socioespacial e do surgimento das novas centralidades, com a difusão dos condomínios fechados e dos *Shopping Centers*. Para que este objetivo fosse alcançado, o presente artigo baseia-se em pesquisa bibliográfica baseada em referências conceituais da geografia urbana, especialmente no que se refere a organização espacial intra urbana e inter regional. Aliado a isso, tem-se como referências empíricas informações municipais recolhidas junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e a prefeitura municipal de Uberlândia, com vistas a ilustrar a realidade explicitada.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE OS PROCESSOS E FORMAS ESPACIAIS

Haja vista o intenso processo de urbanização mundial, acelerado em fins do século XIX, observa-se que o mesmo foi mais demorado no Brasil, tendo sido marcante somente ao longo do século XX. Assim, com características específicas, baseado em um acelerado processo de industrialização, responsável pelo crescimento urbano econômico e populacional, Santos (2008) resgata tal conceito de forma a considerar dois tipos de urbanização ocorridos nos ditos “países subdesenvolvidos”. Para ele, houve a urbanização baseada no nascimento de numerosas pequenas cidades, o que é salientado pelo autor como sendo um dos fenômenos mais característicos e mais negligenciados da urbanização nos países subdesenvolvidos; e a urbanização baseada na polarização urbana em função de uma cidade.

Juntamente a Milton Santos, inúmeros autores discutem a urbanização mundial e a brasileira, concordando que a urbanização se trata de um processo, que vem sendo

intensificado cada vez mais, levando a uma maior complexidade na organização interna das cidades, bem como na necessidade cada vez maior de interação entre os núcleos urbanos, que mantém relações diversas uns com os outros, e com grande variedade também nos graus de interação. É nesse sentido que são formadas e consolidadas as redes urbanas.

Entre a rede urbana e o espaço urbano há uma estreita relação. Afinal conforme afirma Corrêa (2007) tais conceitos “não implicam em visão dicotômica do urbano, pois há intensas conexões entre processos que são engendrados em uma escala e realizados material e funcionalmente na outra escala”, ou seja, as modificações em uma escala repercutem em transformações na outra. O autor elucida essa afirmação a partir do surgimento de favelas no espaço decorrente do vigoramento do êxodo rural, e da modificação dos fluxos regionais em função da tomada de decisão em uma sede de empresa.

Para Santos (p.157, 2008) “a noção de rede urbana, elaborada por geógrafos e urbanistas, exprime, no espaço, um jogo de fatores de natureza e de intensidade diferentes, que se combinam de forma variável no tempo”. Sobre essa discussão, Corrêa (2007) concorda que, no momento atual as relações econômicas entre os centros urbanos, com destaque para as metrópoles regionais e as capitais regionais, tornaram-se mais complexas e intensas, estando longe de serem organizadas de acordo com os preceitos da teoria dos lugares centrais.

Neste sentido, Sposito et al (2007) lembra a importância das telecomunicações, que relativizam as necessidades de deslocamentos, bem como do desenvolvimento no sistema de transporte, a fim de viabilizar a diminuição de distâncias por meio de menor tempo de deslocamento e uma maior fluidez dos fluxos. Para os autores

A partir desse novo contexto, que é de clara natureza espaço-temporal, o espaço de relações é marcado por articulações espaciais, sem que haja necessariamente continuidades territoriais. As relações espaciais que assim se conformam não estruturam áreas ou regiões, mas sobrepõem a áreas e regiões, organizadas por lógicas territoriais, outros fluxos que podem ultrapassar essas áreas ou regiões de comando de uma cidade média e o fazem, gerando estruturas espaciais em rede, cuja morfologia não contém continuidade territorial (SPOSITO et.al, p.38, 2007).

Seguindo esta lógica, juntamente às definições e utilização do conceito de rede urbana, há também o conceito de hierarquia urbana, idéia muito trabalhada por geógrafos que se faz fundamental ao entendimento da dinâmica regional, no caso do presente estudo, bem como para melhor entendimento e análise das interrelações que ocorrem dentro de uma rede urbana. Para tanto, Moura et al (2009) entende que para a definição de hierarquia urbana, são necessários pressupostos tais como a centralidade e a natureza metropolitana, sendo que, a centralidade está relacionada ao grau de importância da cidade, pautada em sua complexidade e diversidade de funções, bem como em sua abrangência espacial. Já a natureza metropolitana tem relação direta com elevados níveis de concentração populacional e de atividades, especialmente aquelas classificadas como de maior complexidade, bem como a sua centralidade que ultrapassa o nível de influencia regional. Assim,-os autores defendem que

[...] considerando a dinâmica das transformações nos espaços urbanos, novas configurações metropolitanas e, principalmente, novos limites das áreas de abrangência desses espaços podem estar se configurando em território nacional. Assim, a composição de uma escala hierárquica dos grandes espaços urbanos brasileiros é fundamental para a identificação dos espaços efetivamente metropolitanos. Isto porque, para além da configuração do aglomerado, os espaços metropolitanos se particularizam por sua posição estratégica na rede urbana, associada ao exercício de funções urbanas mais complexas (MOURA, et al, p.1, 2009).

Ainda em relação à rede e hierarquia urbanas, é interessante abordar, dentro desta perspectiva, as noções de espaços urbanos, aglomeração urbana, região metropolitana e metrópole, diferenciados e explicitados em artigo publicado pelo Observatório das Metrópoles em 2009, conceitos esses que incorporam, de uma forma ou de outra, a idéia de rede e hierarquia urbana. No referido artigo, Moura et al (2009) entende

[...] espaços urbanos como conjuntos representativos da concentração espacial do fenômeno urbano, e definidos pela continuidade e extensão do espaço construído. Emprega o conceito de aglomeração urbana para as unidades que compõem uma mancha contínua de ocupação sobre mais de uma unidade municipal, envolvendo fluxos intermunicipais, complementaridade funcional e integração socioeconômica. Difere de região metropolitana, que corresponde a uma porção definida institucionalmente. Considera metrópole, a cidade principal de uma aglomeração, destacando-se pelo tamanho populacional e econômico, desempenho de funções complexas

e diversificadas, e relações econômicas com várias outras aglomerações, funcionando como centro de comando e coordenação de uma rede urbana.

Destaca-se a importância de se considerar estes conceitos, no sentido de que, segundo Corrêa (2007) a urbanização no século XXI abarca, além da rede urbana e do espaço urbano, uma escala intermediária, caracterizada pela transformação do espaço urbano em um segmento da rede urbana, em suas palavras “parte da rede urbana assume a forma de espaço urbano. Trata-se de áreas urbanizadas denominadas genericamente de megalópole ou de eixo urbanizado em uma dimensão não-metropolitana.”

Na escala da rede urbana, Milton Santos, embora critique modelos de hierarquia urbana, posto que para ele as relações entre as cidades são determinadas pela presença e características do meio técnico-científico-informacional e não em função de seus tamanhos, cita em seu texto diferentes níveis de centros urbanos na América Andina, definidos por Chapoulie, a saber

Centros locais dotados de mercados semanais, possuidores de um equipamento escolar e sanitário básico e de armazéns de abastecimento para a região circunvizinha [...];
Centros sub-regionais de dez mil a vinte mil habitantes, de função administrativa desenvolvida, porém desprovidos de irradiação econômica;
Centros regionais de vinte mil a oitenta mil habitantes, de função administrativa muito desenvolvida, verdadeiros centros de descongestão da capital, providos de pequenas empresas industriais, mas que não chegam a polarizar verdadeiramente seu espaço;
Metrópoles regionais, sempre distantes da capital, possuidoras de um forte setor terciário, cuja promoção, porém, realizou-se graças a indústria; [...] (SANTOS, p. 163, 2008).

Esse autor ainda propõe categorias de classificação dos níveis de cidades em: cidades locais; cidades médias ou intermediárias; metrópoles regionais e metrópoles. Porém, em decorrência da existência de centros entre os limites destas classificações o autor incorpora a elas outras categorias, quais sejam: a grande cidade local, a cidade intermediária e a grande cidade média. Com base, nesta classificação, segundo Soares et al (2004), a cidade de Uberlândia classifica-se como uma grande cidade média.

Castello Branco (2007), em seus estudos procurando identificar as cidades médias, combina alguns pressupostos metodológicos e chega à seguinte definição

Na ausência de informações específicas, o tamanho populacional permite apreender o papel que o centro urbano exerce na rede urbana e sua dinâmica. Entretanto, como esse tamanho reflete também o sistema de povoamento do território onde se insere o centro urbano, [...] não é recomendável utilizar uma única faixa de tamanho populacional para definição de cidade média, pois isso pode levar a incluir, na mesma categoria, centros com diferentes papéis na rede urbana. A abordagem utilizando informações sobre a centralidade torna o estudo mais robusto, porém depende, sobretudo, de informações atualizadas sobre fluxos [...]. Visando contornar esse problema, foram adotados indicadores reveladores da existência de fluxos: a centralidade político-administrativa e a presença de equipamentos indispensáveis para a existência de alguns fluxos (CASTELLO BRANCO, p.95, 2007).

Apesar de ser uma terminologia em constante estudo por diversos pesquisadores, a categoria das cidades médias é uma noção fundamental às análises realizadas na geografia urbana contemporânea, merecendo atenção especial no que se referem aos reflexos nas reestruturações socioespaciais.

Assim, considerando a concepção de espaço urbano, destaca-se o consenso de que as cidades médias representam uma dimensão ótima de cidade, ou seja, suas condições físicas, econômicas e sociais. Todavia, enquanto reflexo e condição social são realidades transitórias, que estão sujeitas às redefinições da divisão regional do trabalho e a competição entre os lugares podendo mudar de patamar na hierarquia urbana.

Com base em Commerçon e Goujon (1997), Sposito (2004, p.337) destaca que essa transitoriedade a que estão sujeitas as cidades médias fica mais acentuada quando consideramos períodos como o atual, com as reestruturações econômicas no quadro do novo paradigma técnico-econômico. A autora acrescenta ainda que combinada com as mudanças nas relações hierárquicas nos papéis dentro da rede urbana ocorrem transformações nas estruturas internas dessas cidades. Dentre as quais, destacamos a reestruturação comercial, a partir da descentralização e desdobramento das atividades de comércio e serviços.

Estes processos, frutos de diferentes tipos de capitais e da ação do estado, são associados às grandes cidades e implicam, nas palavras de Corrêa (2007), na “crise dos antigos e poderosos núcleos centrais de negócios e expansão de *Shopping Centers*” que, “são, por sua vez, resultados originários das mesmas causas e da tensão entre permanência e mudança”.

Destaca-se que os efeitos destes processos nas cidades médias podem ser diferentes daqueles observados nas metrópoles. Contudo, é necessário que sejam empreendidos esforços no sentido de que a centralidade do núcleo central seja mantida, com vistas a tirar proveito da base infraestrutural ali presente, em consonância com a viabilização do surgimento de novas centralidades, especialmente de subcentros e eixos comerciais, com vistas a possibilitar a redução dos deslocamentos, e, por conseguinte assegurar maior eficiência da cidade a partir do atendimento das necessidades básicas de seus habitantes em locais próximo à moradia.

O fato de o processo de reestruturação urbana das atividades de comércio e serviços nas cidades médias ter sido iniciado recentemente, na década de 1970, ainda não tendo sido concluído, possibilita que seus desdobramentos apresentem resultados distintos nestas cidades, quando estas integrarem a categoria de metrópoles, ou seja, o contexto em que ocorre a descentralização nas cidades médias favorece que sejam realizadas intervenções urbanísticas, no sentido de assegurar a convivência da centralização da área central com as novas centralidades.

Neste sentido, baseando-se na breve discussão teórica apresentada até aqui, é possível traçar considerações mais específicas sobre determinada cidade, no caso, Uberlândia, avaliando-se sua dinâmica urbana e suas relações regionais, bem como seu papel na rede urbana em que está inserida, a fim de melhor classificá-la nas categorias de cidades apresentadas.

DINÂMICAS ESPACIAIS EM UBERLÂNDIA

As características materializadas na região do Triângulo Mineiro, e especificamente em Uberlândia são reflexo da base econômica que marcou o país, sobretudo após a década de 1950; nas palavras de Guimarães (1990, p.17), foi um período de significativas mudanças tecnológicas na economia brasileira, consubstanciadas na industrialização pesada, supremacia dos transportes rodoviários e desenvolvimento do capital financeiro, na nova política e projetos agrícolas, promovidos pelo governo federal e mudança da capital federal para o Brasil Central.

O desenvolvimento de novas tecnologias foi preponderante para a ocorrência de transformações econômicoespaciais, como a reestruturação produtiva e o desenvolvimento de novas infraestruturas, cujas mudanças possibilitaram a intensificação dos fluxos, que conforme aponta Bessa (2007, p. 113)

[...] desempenham um papel fundamental na organização e na dinâmica do espaço, refletindo, de um lado, o estágio de desenvolvimento das forças produtivas; e as demandas por articulação entre as regiões, entre as cidades, entre as cidades e o campo; e, por outro lado condicionando a continuidade ou mudança de determinados padrões de organização espaciais [...] (BESSA 2007, p. 113).

Inicialmente, a partir do fim do século XIX, com a consolidação de uma base infra-estrutural, a região do Triângulo Mineiro, fortemente vinculada a São Paulo, absorveu os impulsos da economia cafeeira, e posteriormente a desconcentração das atividades agropecuárias e industriais desse estado; fator que possibilitou a consolidação da função de “entrepasto comercial”, exercendo “papel de articulação comercial e produtiva de forma a complementar a economia paulista” (GUIMARÃES, 1990, p.17).

A diferenciação de Uberlândia, até mesmo no contexto em que o país atravessava um período de recessão, explica-se de acordo com Bessa (2007, p.190) pela “presença de fatores endógenos que permitiram a articulação entre os diversos capitais (agropecuário, comercial e industrial) conciliada com a capacidade de reinvestimento do excedente”, bem como,

[...] pela significativa distância física em relação à área de influência dos principais pólos nacionais, permitindo uma certa proteção de mercado ao crescimento dos capitais locais/regionais. [...] pela infra-estrutura de acesso aos principais mercados, que permitiu sua localização estratégica na articulação da economia de São Paulo com o interior brasileiro, principalmente com o Centro-Oeste, abrindo perspectivas de expansão e diversificação da base produtiva, incluindo o fomento agroexportador (GUIMARAES, 1990, p.18).

Destarte, conforme afirma Soares et al (2004) o papel dos núcleos urbanos do Triângulo Mineiro decorre da combinação de fatores históricos, como a origem da rede urbana associada aos latifúndios, portanto com cidades dispersas e desarticuladas, com o desenvolvimento de atividades comerciais, industriais, associadas com a agropecuária.

Tal fato possibilitou que as principais cidades da rede urbana fossem providas de infraestruturas, bem como sofressem ampliação no processo de urbanização.

Em relação ao crescimento demográfico e a taxa de urbanização, Uberlândia se caracteriza por apresentar índices elevados, com expressivas taxas de crescimento, possibilitados pelas altas taxas de natalidade e de migração, conforme ilustrado pela tabela 1.

Tabela 1: População por situação de domicílio em Uberlândia MG (1940 – 2020).

Anos	Total	Urbana	%	Rural	%	Taxa de Urbanização (%)
1940	42.179	22.123	52,5	20.056	47,5	52,45
1950	54.984	35.799	65,1	19.185	34,9	66.11
1960	88.282	71.717	81,2	16.565	18,8	81.24
1970	124.706	111.466	89,4	13.240	10,6	89.38
1980	240.961	231.598	96,1	9.363	3,9	96.11
1991	367.067	358.165	97,5	8.896	2,5	97.58
2000	500.095	487.887	97,5	12.208	2,5	97.56
2005 ⁽¹⁾	585.262	570.982	97,5	14.280	2,4	97,56
2010	604.013	587.266	97,0	16.747	3,0	97,26
2020 ⁽¹⁾	734.167	-	-	-	-	-

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ⁽¹⁾ Dados preliminares, estimativas populacionais.

No que concerne à política econômica adotada pelo município de Uberlândia, esta foi voltada para assegurar os interesses da elite local, viabilizou a implantação de diversos projetos e investimentos, que possibilitaram o progresso e a modernização da cidade e posições de destaque em relação ao PIB e ao ICMS em âmbito estadual e federal.

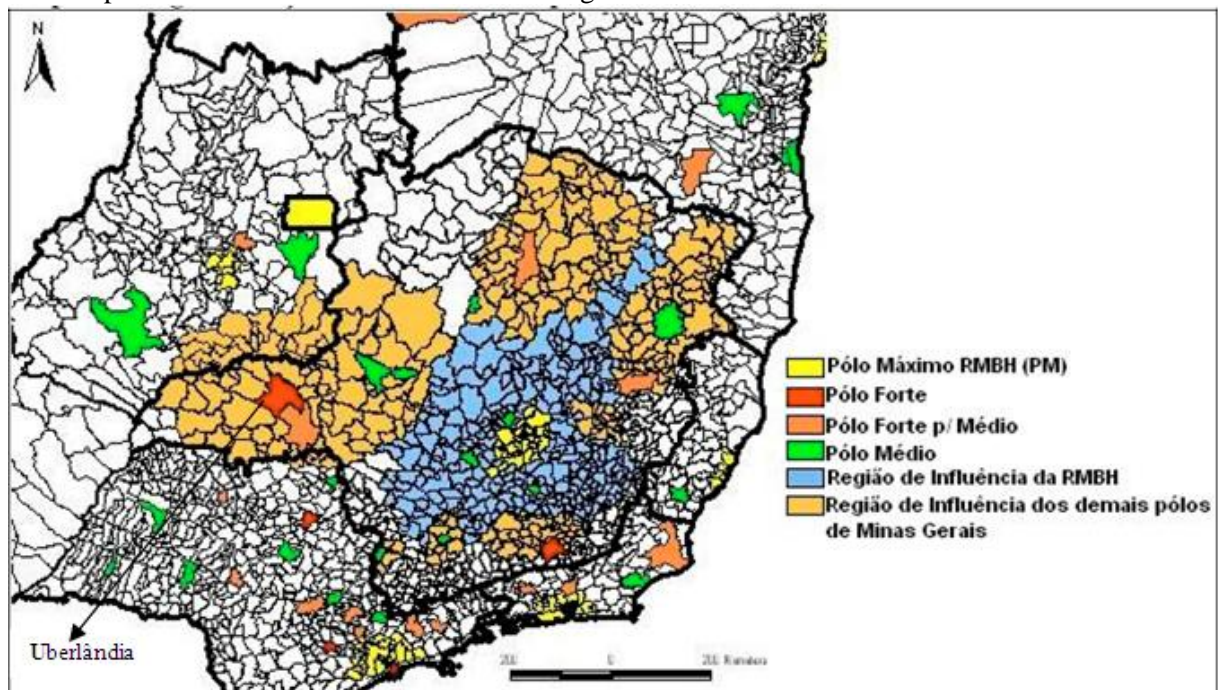
De acordo com dados do Banco de Dados Integrados (BDI, 2008) do município, observa-se em relação ao número de estabelecimentos por atividades econômicas, destaque das atividades ligadas ao setor terciário, que vem se elevando gradativamente. A contribuição do setor terciário, no ano de 1999, correspondia a 47% do total, sendo que, no ano de 2005, chegou a atingir 58%. Em segunda posição está o secundário, que no ano de 1999 apresentou participação de 29% e em 2005 caiu para 22%. O índice de crescimento médio do PIB de Uberlândia é de 8,46% ao ano.

Transformações como o expressivo crescimento demográfico e econômico, a implantação de infraestruturas, a concentração de uma grande diversidade de atividades

terciárias, dentre outras, viabilizaram a ampliação da capacidade de polarização e consolidação de Uberlândia como “nó” na rede urbana que exerce grande influência em nível regional, mas também em outras regiões do país (mapa 1). Sendo classificada dentro do Estado de Minas Gerais como um pólo econômico forte, apresentando uma ampla “concentração dos fluxos socioeconômicos” (CASTELLS, 2000), Uberlândia está em posição inferior apenas à capital Belo Horizonte e sua Região Metropolitana, que constitui um Pólo Muito Forte ou Máximo dentro do estado, conforme destacado por Guimarães e Faria (2006, p. 19).

Nesta perspectiva, conforme aponta a pesquisa intitulada: “Caracterização e tendências da rede urbana”, coordenada pelo IPEA/IBGE/NESUR (2002), a região do Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba é uma das mais promissoras do estado e caracteriza-se por apresentar uma trajetória econômica ascendente, em que há “fatores de atração como a dinâmica da economia regional, a malha viária, o potencial hidrelétrico e a proximidade de mercados consumidores”.

Mapa 1: Uberlândia- MG: Centralidade e região de Influência

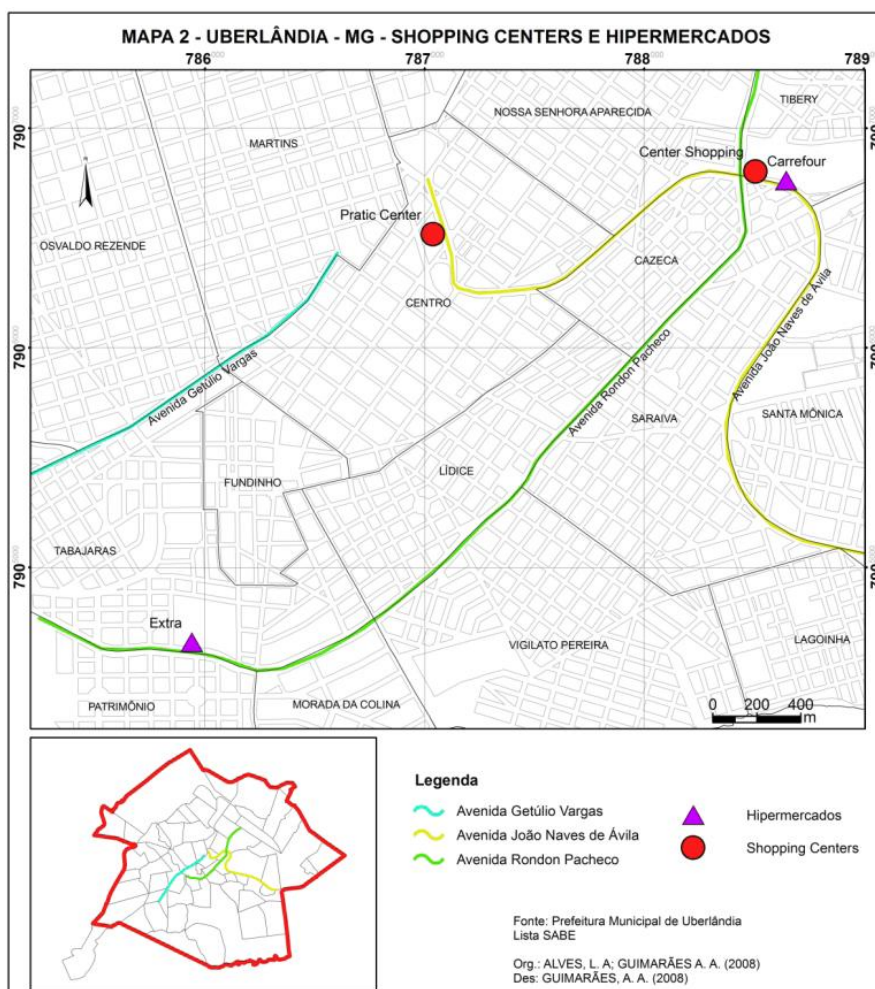


Fonte: Guimarães e Faria (2006, p.19)

Em um período temporal relativamente curto a presença de condicionantes, como as bases estruturais, a posição geográfica privilegiada, a postura dos agentes sociais, dentre outros fatores secundários, permitiram a transição de Uberlândia de pequena cidade para uma cidade média, diferindo de várias outras cidades do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Com base na importância, centralidade regional, na estrutura socioeconômica adquiridas por Uberlândia, e, considerando a tendência de continuidade desse grau de desenvolvimento, atraindo cada vez mais investimentos públicos e privados, e, por conseguinte população, assistimos a transição desta cidade para um primeiro nível de metrópole.

Neste momento, que chamamos de transição, é notável em Uberlândia a presença de elementos, tanto característicos das cidades médias, como a qualidade de vida, como de fenômenos tipicamente metropolitanos. Em relação ao nível de bens e serviços e a demanda pelos mesmos, destaca-se que em Uberlândia existem os serviços considerados raros, cuja demanda é pouco frequente. Do mesmo modo, destacam-se na cidade, fenômenos urbanos característicos de áreas metropolitanas como a descentralização e o surgimento de novas centralidades, exemplificadas pelos hipermercados, *shopping centers* (mapa 2) e subcentros (mapa 3).

Em Uberlândia, a intensa ocupação da área central e entorno, combinado com o crescimento demográfico e espacial da cidade, levou a necessidade de que novos espaços fossem utilizados para empreendimentos e atividades de comércio e serviços que já não conseguiam se inserir no centro da cidade. Como comenta Souza (2009), embora seja um processo recente na cidade, Uberlândia apresenta subcentros e eixos comerciais já consolidados (ver mapa 3). Além desses, destaca-se a existência dos grandes empreendimentos comerciais que se incluem na categoria de *Shopping Centers*, bem como dos hipermercados de grandes redes (cf. mapa 2). Observa-se atualmente um cenário de expansão do setor hipermercadista, tendo em vista seu aumento quantitativo a partir da construção em andamento da filial de uma nova grande rede, ou seja, a cidade contará, em breve, com mais um hipermercado com bandeira de uma rede ainda não alocada em Uberlândia.



Por se tratarem de grandes empreendimentos que necessitam de grandes lotes para sua instalação, além de vias de trânsito rápido, *shopping centers* e hipermercados se caracterizam, de maneira geral, pelo poder de atração de consumidores de todas as regiões da cidade, que buscam facilidades em estacionamento, mobilidade, pagamento, variedades, rapidez e segurança. Portanto, são novas centralidades com significativa capacidade de modificações no espaço urbano.

Dentre os *Shopping Centers* já implantados em Uberlândia, o “Pratic Center” localizado junto ao terminal central de transporte coletivo da cidade (mapa 2), apresenta características de shopping popular. O “Griff Shopping”, localizado na avenida Rondon Pacheco, distingue-se enquanto shopping especializado, ao passo que o “Center Shopping” caracteriza-se, até o presente momento, como sendo o único que se encaixa perfeitamente no conceito de *Shopping Centers*, localizado no cruzamento de dois

grandes eixos da cidade, as avenidas João Naves de Ávila e Rondon Pacheco (mapa 2). Ainda em construção, no setor Sul de Uberlândia, o “Park Shopping” seria o segundo da cidade com características de shopping propriamente ditas. Pertencente ao grupo português SONAE, o novo shopping da cidade tem previsão de inauguração até o ano de 2012.

Além dos *Shopping Centers*, os hipermercados também apresentam a proposta de saída da área central, optando sempre por sua instalação em locais com infraestrutura viária adequada, com vias de trânsito rápido, além de grandes lotes que sejam capazes de alocar além do prédio do empreendimento, área para estacionamento, carga e descarga e depósito. Em Uberlândia, encontram-se instalados dois hipermercados, sendo eles, por ordem de inauguração, Carrefour e Extra (mapa 2). Há a previsão de que um novo hipermercado, de uma rede diferente, seja construído e inaugurado até o ano de 2012, no local onde também será inaugurado o novo *Shopping Center* da cidade.

O Carrefour é o hipermercado mais antigo da cidade, localizado no cruzamento das avenidas João Naves de Ávila e Anselmo Alves dos Santos e compõe, juntamente com o “Center Shopping” uma espécie de aglomerado comercial, localizando-se em um mesmo lote que permite o acesso dos consumidores tanto a um quanto ao outro, sem necessidade de grandes deslocamentos.

Já o hipermercado Extra, localizado na Avenida Rondon Pacheco, também é responsável por exercer grande atração aos consumidores, especialmente por sua proposta de funcionamento 24 horas, que permite maior flexibilidade no horário das compras, além das facilidades já mencionadas anteriormente, como estacionamento, facilidade de pagamento e variedade de produtos. Percebe-se que ambos os hipermercados são responsáveis por modificar a dinâmica espacial urbana, promovendo novas centralidades, sendo capazes de atrair consumidores de todas as áreas da cidade, e não apenas os residentes no seu entorno. A esse respeito, comentando sobre a realidade dos hipermercados na cidade de Lisboa, Cachinho (1994) tece considerações que podem ser aplicadas ao que se observa em Uberlândia:

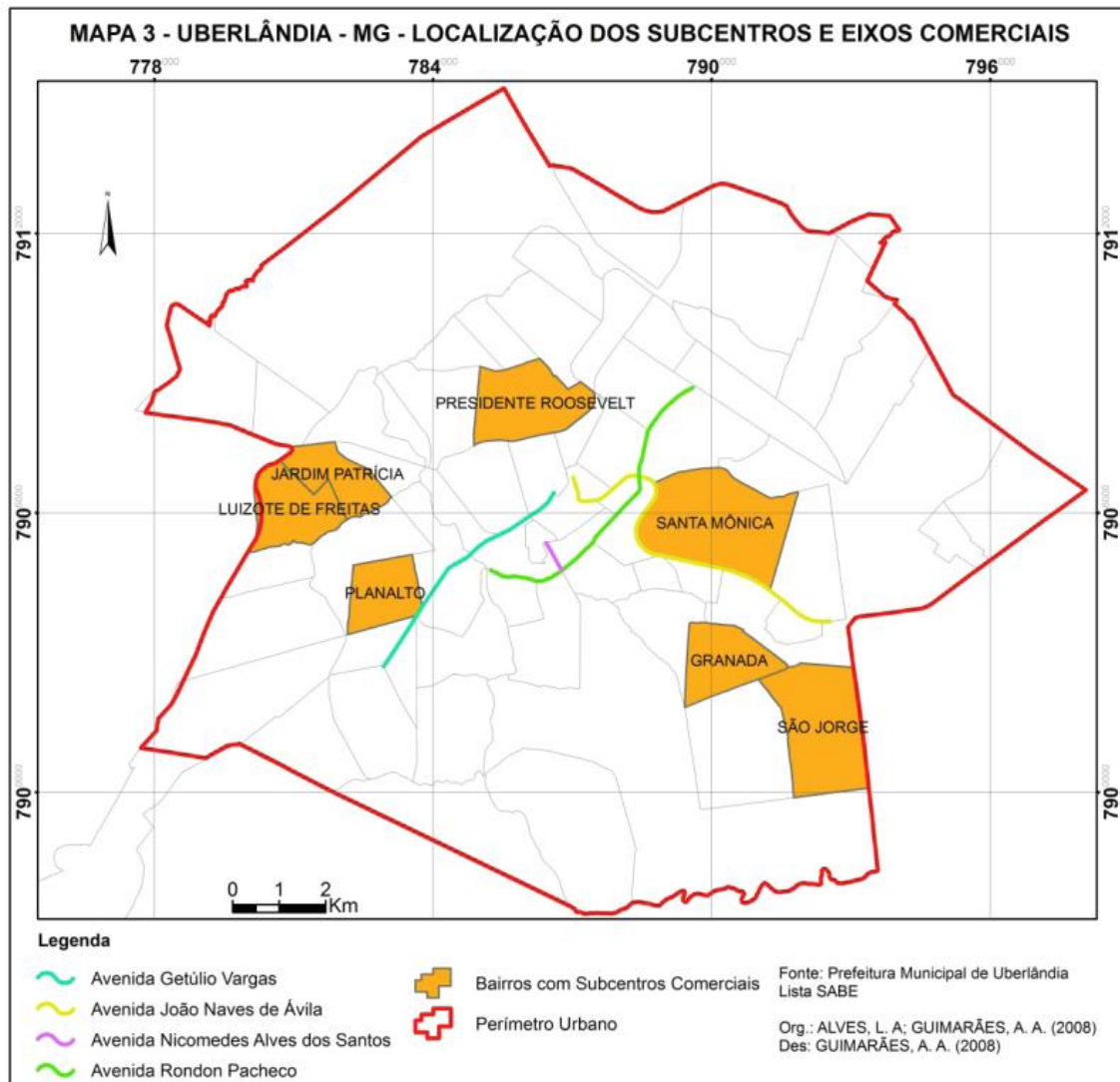
Contrariando os princípios tradicionalmente subjacentes à aquisição de bens de primeira necessidade (conveniência, proximidade), muitas famílias da classe média lisboeta preferem hoje fazer deslocações mais longas e abastecerem-se ao fim de semana nos hipermercados. Mas em termos de

reestruturação o efeito modelador mais importante deste tipo de empreendimentos comerciais talvez seja mesmo espacial. Forma de distribuição por excelência dos subúrbios, os hipermercados modificam a tradicional relação secular de domínio do centro sobre a periferia (CACHINHO, 1994, p.128).

Além dos empreendimentos já mencionados, que nascem descentralizados no espaço urbano, o surgimento de subcentros, fenômeno característico das áreas metropolitanas, também ocorre em cidades médias, embora com características e intensidades diferentes. A respeito disso, Souza (2009) afirma que

[...] a descentralização é um processo que já ocorreu nas grandes áreas metropolitanas e que ainda está acontecendo nas cidades médias, em algumas com mais intensidade do que em outras. É necessário lembrar que o processo é o mesmo, mas sua dimensão e suas características são diferentes, por exemplo, um subcentro no Rio de Janeiro é muito diferente de um subcentro de Uberlândia. Mas é preciso entender as características que estas novas centralidades assumem nas cidades médias, reproduzindo, à sua maneira, os diferentes fenômenos que ocorrem no espaço urbano (SOUZA, 2009, p.127).

Existem cinco subcentros em Uberlândia como representado no mapa 3, a saber: Luizote de Freitas/Jardim Patrícia, Planalto, São Jorge/Granada, Santa Mônica e Presidente Roosevelt, originados em função do dinamismo da cidade e para atender a população residente nos bairros residenciais mais afastados da área central. A presença das atividades de comércio e serviços tipicamente centrais, tais como agências bancárias, lojas de departamento, correios, filiais de lojas do centro, restaurantes, profissionais liberais, etc, nos bairros onde são formados os subcentros, implica na redução da necessidade dos deslocamentos da população destes e dos bairros mais próximos até a área central da cidade. Estes oferecem maior facilidade de acesso ao comércio e serviços, concentrados em uma mesma área, muitas vezes nos principais eixos viários, o que implica na centralidade dos mesmos, a qual é variável de acordo com as características das atividades ali presentes.



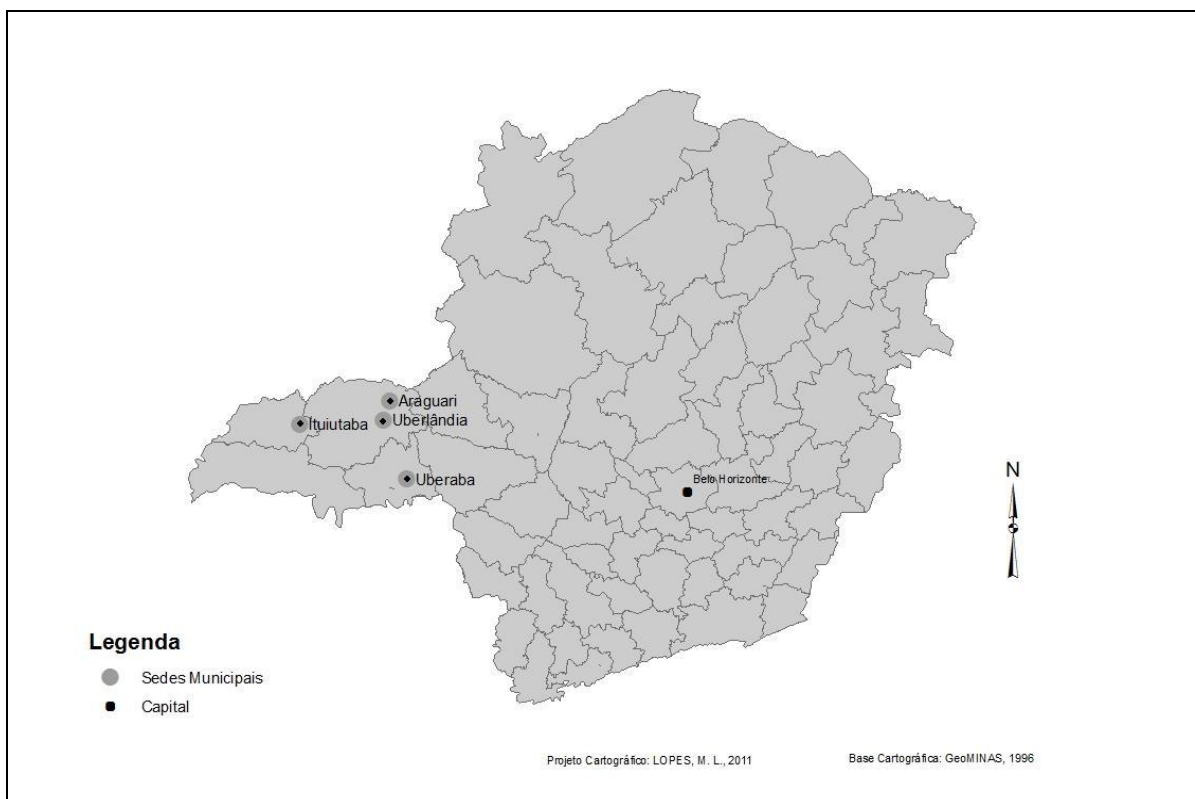
O fortalecimento das novas centralidades, com destaque para os subcentros na cidade de Uberlândia é estimulado pelos instrumentos urbanísticos municipais como: a lei de zoneamento e uso e ocupação do solo, a lei de parcelamento do solo urbano e plano diretor.

Em nível intraurbano é inevitável a relação direta entre o tamanho da cidade e os problemas socioambientais. Contudo, a fim de que ocorra a mitigação dos efeitos negativos dessa conjuntura segundo Moreno (2002, p.87) uma solução é o investimento em infraestrutura e a adoção do modelo de “cidade compacta” proposto pelo arquiteto Richard Roger.

Esse modelo de cidade caracteriza-se pela concentração das atividades econômicas e sociais nos bairros, formando centros que assegurariam certa independência e redução dos deslocamentos, que passariam a ser predominante por transporte público e/ou a pé, pois haveria interligação dos centros uns aos outros por meio de um eficiente sistema de transporte público coletivo.

Todavia, com vistas a assegurar a manutenção da qualidade de vida em Uberlândia e nas demais cidades da rede urbana da região, bem como maior grau de equilíbrio nas relações socioespaciais entre os centros urbanos, é preciso a implementação de ações que induzam o desenvolvimento, especialmente das cidades médias como Araguari e Ituiutaba (cf. mapa 4) no entorno de Uberlândia, de modo a fortalecer a complementaridade entre os centros urbanos.

Mapa 4 – Localização Geográfica dos principais municípios do entorno de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

São evidentes as transformações econômicas e sociais refletidas no ambiente urbano, materializadas no expressivo crescimento populacional concentrado, sobretudo nas cidades, que incorporam diferentes dinâmicas e graus de complexidade segundo o contexto histórico e categoria hierárquica que estavam inseridas, conforme reconhecido por vários estudiosos. No que tange ao estudo inicial proposto neste trabalho, pode-se reconhecer na cidade de Uberlândia um acelerado processo de desenvolvimento, a partir do crescimento populacional e econômico, além do oferecimento de uma grande parcela de serviços de alta complexidade - como nas áreas de saúde, educação, gestão administrativa e tecnologia - na maioria dos casos não disponibilizados nas cidades em seu entorno, tornando-se, assim, município pólo na rede urbana em que está inserida.

Embora seja uma discussão inicial, defende-se a idéia de que a cidade inicia um processo de metropolização, passando por um período de transição entre cidade média e metrópole, por já apresentar indícios e características metropolitanas, como a presença de atividades de alta complexidade e a concentração de fluxos variados, no entanto, guardando ainda aspectos específicos, identificados como de cidade média como a qualidade de vida.

Além disso, embora esteja inserida em uma rede urbana bem estabelecida, Uberlândia ainda não está integrada a uma região metropolitana da qual seja o centro, visto, especialmente, as distâncias que ainda são fatores preponderantes para uma não contigüidade territorial, resquícios históricos da forma de ocupação territorial local, embora alguns fluxos ligados a cidade sejam intensos, como os relacionados à Araguari.

REFERENCIAS

BESSA, K. C. F. de O. **A dinâmica da rede urbana no Triângulo Mineiro: Convergências e divergências entre Uberaba e Uberlândia.** Uberlândia, 2007.

CACHINHO, H. **O comércio a retalho na cidade de Lisboa: Reestruturação econômica e dinâmicas territoriais.** Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia, vol. XXIX, nº 57, Lisboa, 1994.

CASTELLO BRANCO, M. L. G. **Algumas considerações sobre a identificação de cidades médias.** In: SPOSITO, M.E.B. (org). Cidades Médias: Espaços em Transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 89-111

_____. **Espaços urbanos: uma proposta para o Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2003, 229p.

CASTELLS, M. **A Questão Urbana.** São Paulo: Paz e Terra, 2000, 590p.

CORRÊA, R. L. **Construindo o conceito de cidade média.** In: SPOSITO, M.E.B. (org). Cidades Médias: Espaços em Transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23-33

_____. **Hinterlândias, hierarquias e redes: uma avaliação da produção geográfica brasileira.** In: CARLOS, A. F. A. (org.). **Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano.** São Paulo: Edusp, 1994. p.323-359.

_____. **Perspectivas da urbanização brasileira: uma visão geográfica para o futuro próximo.** In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana (SIMPURB), X. , 2007, Florianópolis. Comunicações apresentadas.... Florianópolis, SC, 2007b.

DINIZ. **A nova configuração urbano-industrial no Brasil.** In: KON, Anita. (Org.). **Unidade e fragmentação: a questão regional no Brasil.** 1 ed. São Paulo: Perspectiva, p. 87-115, 2002.

EGLER, C. A. G. **Configuração e dinâmica da rede urbana.** In: **Subsídios à caracterização e tendências da rede urbana do Brasil.** Petrópolis, 2001.

FRANÇA, I. S de; SOARES, B. R. **Aglomerções urbanas em cidades médias: Montes Claros e os centros emergentes de Pirapora, Janaúba e Janaúria no norte de Minas Gerais, Brasil.** Disponível em: <egal2009.easyplanners.info/.../5279_Iara_Iara_Soares_de_Franca.doc>. Acesso em: 15 de agosto de 2010.

GARCIA, R. A; NOGUEIRA, M. **A inserção das cidades médias mineiras na rede urbana de Minas Gerais.** In: Anais do XIII Seminário sobre a Economia Mineira.

Cedeplar-FACE-UFMG. 2008. Disponível em: <ideas.repec.org/h/cdp/diam08/100.html>. Acesso em: 15 set. 2010.

GUIMARÃES, E. N. **Infra-estrutura pública e movimento de capitais: a inserção do Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do trabalho**. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1990.

GUIMARÃES, E. N.; FARIA, G. A. de. **Integração e desenvolvimento regional: uma proposta de regionalização de minas gerais**. In: Anais do XII Seminário sobre a Economia Mineira, Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006, p. 1-24.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados populacionais e econômicos**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2010.

IPEA/IBGE/NESUR. **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: estudos básicos para a caracterização da rede urbana**. v.1-v.6. Brasília, IPEA, 2002.

MARTINE, G.; DINIZ, C.C. **Concentração econômica e demográfica e meio ambiente: repensando a agenda brasileira**. Brasília, ISPN, 1991 (Documento de Trabalho, 1).

MORENO, J. **O futuro das cidades**. São Paulo: Ed. SENAC, São Paulo, 2002. 146p.

MOURA, R. et al. **Hierarquização e identificação dos espaços urbanos**. In: RIBEIRO, L. C. Q. (Org.) **Conjuntura Urbana**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2009.

OLIVEIRA, H. C. M. de. **Em busca de uma proposição metodológica para os estudos das cidades médias: reflexões a partir de Uberlândia (MG)**. Uberlândia, MG, 2008. 364 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. **Manual de Geografia Urbana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SOARES, B. R. et al. Dinâmica urbana na bacia do rio Araguari (MG) – 1970- 2000. In: LIMA, Samuel do Carmo; SANTOS, Rosselvelt José dos (Org.). **Gestão ambiental na bacia do rio Araguari: rumo ao desenvolvimento sustentável**, Uberlândia: UFU/IG, Brasília: CNPq, 2004. p. 125-161.

SOUZA, M. V. M. **Cidades médias e novas centralidades: análise dos subcentros e eixos comerciais em Uberlândia (MG)**. Uberlândia, MG, 2009. 236 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

SPOSITO, M. E. B. et al. **O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica.** In: SPOSITO, M.E.B. (org). Cidades Médias: Espaços em Transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 35-67

_____. **O chão em pedaços:** urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. 2004. 508f. Tese (Livre Docência)-Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.